

# Boletim O Gabelense

ano x - n.º 21 | dezembro 2007

aceita a seita  
recordando a gabela  
o futuro nunca espera

**2.º semestre de 2007**

Parece que, finalmente, cresce a sensação nos gabelenses radicados em Portugal, de que tantos anos após a descolonização, trinta e dois, começa a sentir-se uma resignação (frustração) em relação à integração numa sociedade que, economicamente pouco ou nada evoluiu, com o desemprego em alta, sem perspectivas futuras, de confronto político e acesos desentendimentos entre os parlamentares, paralizações grevistas, em que os erros do cálculo da inflação falham em sucessivos anos, os Governos a errar, sistematicamente, as suas previsões de metas (desejadas) nunca conseguidas ... que se refletem na estabilidade e progresso do País, sua economia e estruturas de apoio aos investidores, empresários e a médias e

pequenas empresas, que se mantêm instáveis (senão falidas), para não referir ao estado calamitoso da agricultura e pescas, com a maior parte das terras em completo abandono e, barcos abatidos ou paralizados ...

Porém, emergem desta estagnação resistentes que se habituaram a não desanimar perante as contrariedades, que lutaram sempre pelo êxito dos seus projectos e ambições, enfrentando dificuldades ao longo de séculos, provando nas ex-colónias a sua persistência e labor onde, com orgulho edificaram e deram continuidade ao “mundo português”, agora Países independentes que, ainda hoje se sustentam das estruturas que os colonos deixaram ... A Gabela é um exemplo ...

Como sempre continuaremos confiantes

e sem esmorecer, acreditando que, com a nossa comparticipação se ultrapassará esta longa conjuntura de crise, lançando como sempre Portugal na senda do progresso e do prestígio, para ocupar na Europa – UNIÃO EUROPEIA - o “pelotão” da frente e não como actualmente na cauda, nos últimos lugares ... (terceiro a contar do fim !).

Colaborando garantiremos o futuro dos vindouros como sempre foi o nosso lema: *por um Portugal cada vez mais de todos os Portugueses*. Que o futuro seja como o passado dos gabelenses, de prosperidade e promissor.

A Direcção.

**índice**

<b>editorial</b>	<b>pág. 02</b>
<b>gabelenses</b>	<b>pág. 04</b>
<b>natal... natais!</b>	<b>pág. 05</b>
<b>ai ué matumbos</b>	<b>pág. 06</b>
<b>participação</b>	<b>pág. 07</b>
<b>aceita a seita</b>	<b>pág. 08</b>
<b>opinião...!!!</b>	<b>pág. 08</b>
<b>recordando a gabela</b>	<b>pág. 13</b>
<b>duzentos e feitiçarias</b>	<b>pág. 14</b>
<b>o futuro nunca espera</b>	<b>pág. 16</b>
<b>o estilo de vida e a saúde</b>	<b>pág. 18</b>
<b>cada um tem as suas ideias, cada qual tem as suas opiniões</b>	<b>pág. 19</b>

**ficha técnica****propriedade**

Associação dos Naturais ex-Residentes e Amigos da Gabela  
Rua Américo Durão, lote 16 – 7.º C  
1900 LISBOA  
Telefone: 21 848 23 23

**redacção**

Todos os Gabelenses c/ a supervisão de Acácio Oliveira

**composição gráfica**

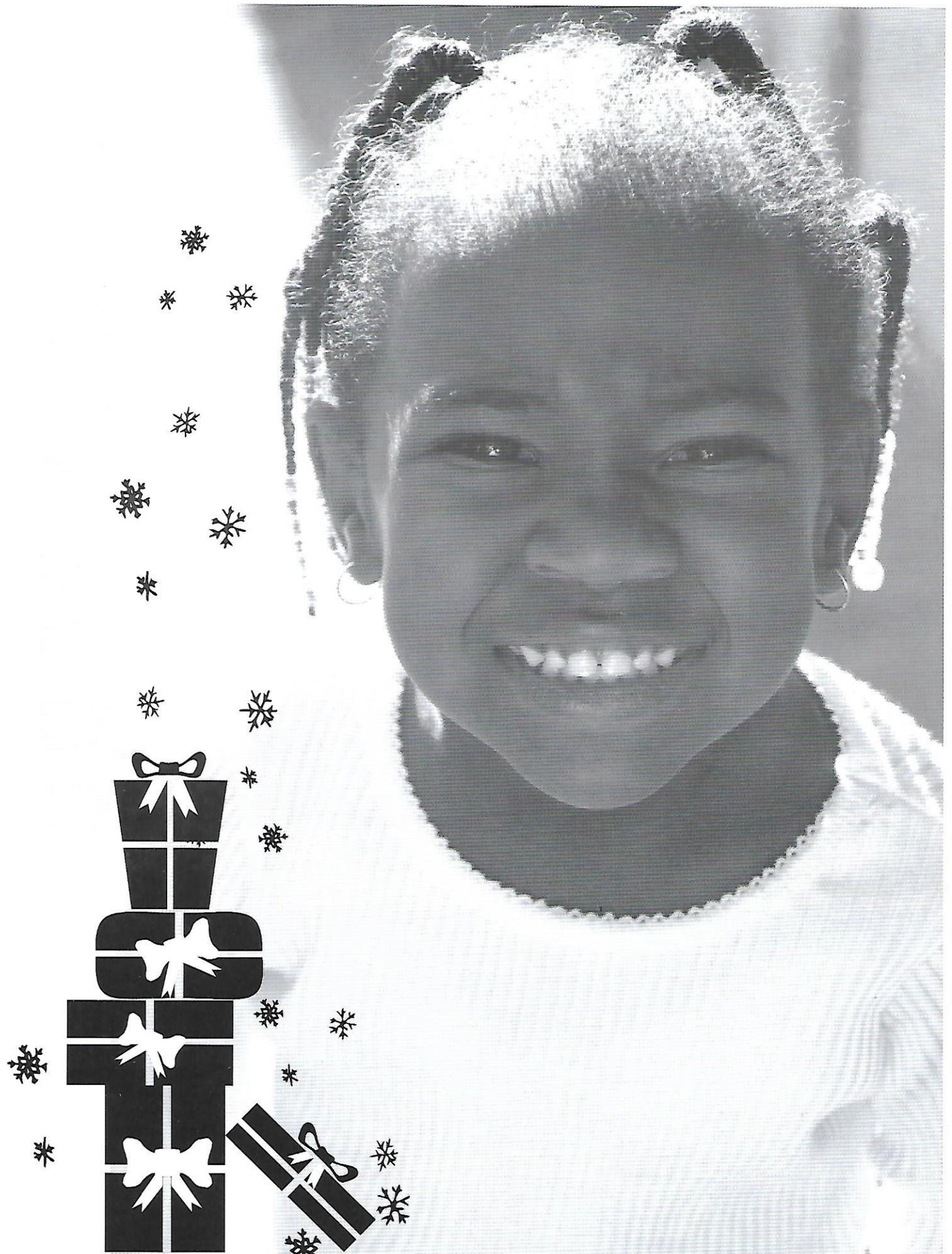
Tipolito – Gráfica Regional, Lda.

**impressão**

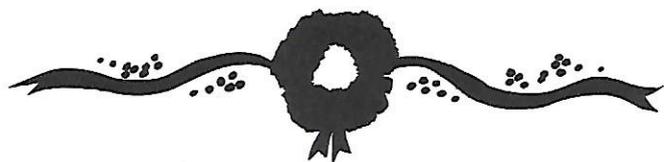
Tipolito – Gráfica Regional, Lda.

**periodicidade**

Semestral



# gabelenses...



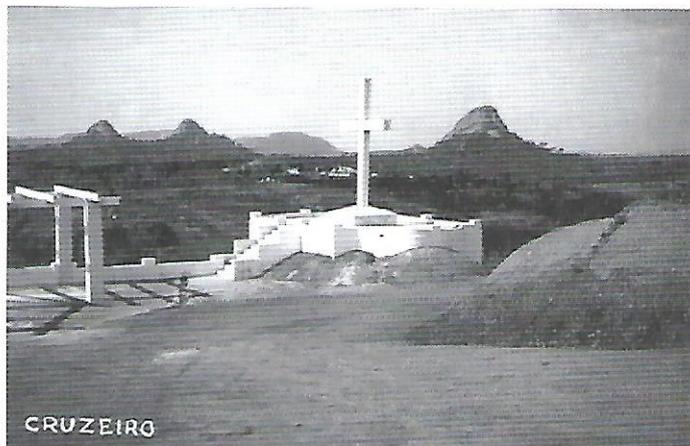
Data Festiva, momento para reflectir. Não é pecado sonhar, divagando quando nos reunimos em Família

...

Uma pausa e momentos para recordar o Amboim – Gabela. Tudo o que fizemos de bom e orgulhosos do nosso contributo ...

**FESTAS FELIZES, N A T A L** em Família e que o **NOVO ANO**, seja de prosperidade para Todos, como cada um deseja para Si.

São os votos da Direcção.



*Os que contribuem devem ser acarinhados!*

*Uma reunião de gabelenses em Mogofores!*



# natal... natais!



**mário frola**

O contacto do Luís de Carvalho surpreende-me em Guimarães, no “*lavar dos cestos*” de um Congresso Internacional promovido pela sociedade científica a que presidimos e cuja temática central é de uma actualidade marcante: o Crédito do Consumo e o Excessivo Endividamento das Famílias.

Guimarães em que se saúda a génese da nacionalidade.

Guimarães berço de um povo que deu “*novos mundos ao mundo*”.

Guimarães que se engalana para receber as festividades do Nascimento de Jesus.

Guimarães que de pólo industrial a um centro de excelência de saber é regaço acolhedor.

As suas ruas enchem-se de cor.

E o espírito transporta-nos à Angola que

foi o berço e o espaço em que nos projectámos.

Os Natais ali vividos sem os frios do inverno europeu, antes com o cálido halo do calor dos trópicos.

E para quem jamais sentira os flocos de neve a aglomerarem-se nos pinheiros nórdicos, Natal autêntico era o que experimentávamos ano após ano sob as coordenadas ambientais dos trópicos.

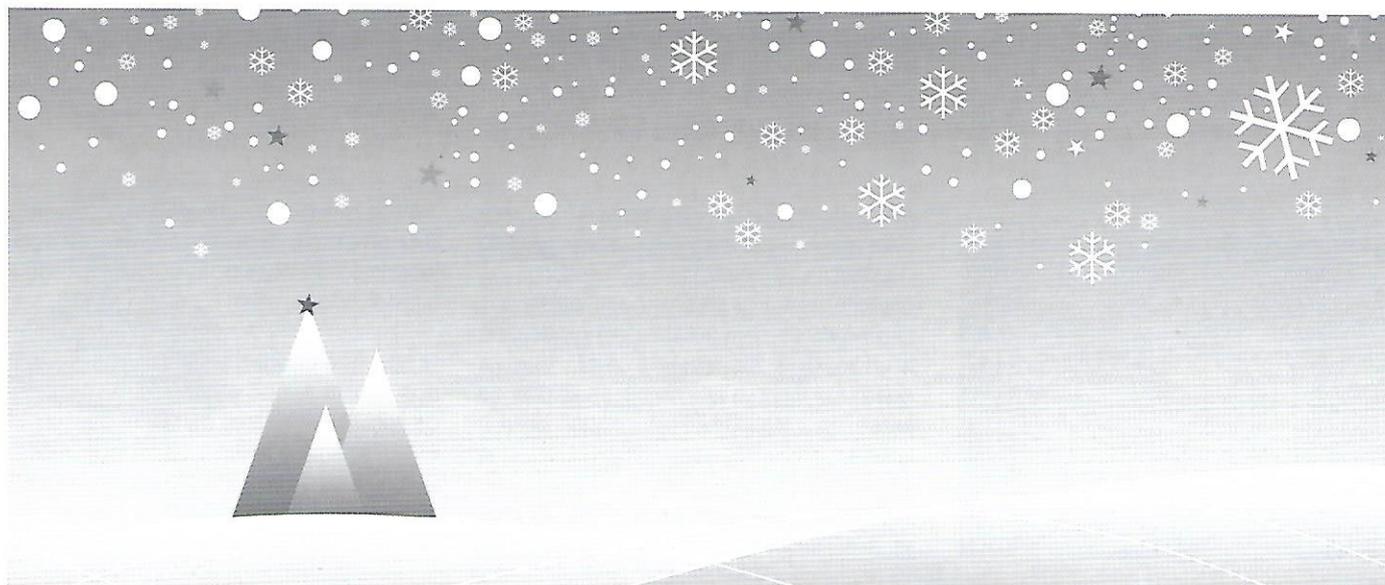
Mais de uma trintena de anos após o debandar de europeus, euro-africanos e africanos imposto pelas circunstâncias ou provocado pelas superpotências para mais adequadamente – e sem perturbações – poderem modelar os seus ínvios interesses, o quadro que se nos oferece é particularmente pungente.

Os órfãos de guerra, os famélicos, os desvalidos da fortuna, os meninos-de-rua, que de Cabinda ao Cunene e do

Lobito ao Libolo se amontoam pela cidades, pelas vilas, pelos lugarejos do mato bordejados de minas antipessoal, não terão decerto o condão de poderem manusear um brinquedo.

Enquanto as classes possidentes se banqueteam com iguarias de exóticas proveniências, as desmunidas crianças vagueiam, pés desnudos, almas sem rosto, vidas exangues, esvaídas, precluídas, sem um só dos sinais susceptíveis de rememorar Natal ou Natais no simbolismo que encerram.

Meninos paupérrimos de uma terra de superlativas riquezas que muito poucos arquivam em proveito e vantagem próprios e com olvido dos mais. Meninos ignotos que constituem como que a parte sombria – uma extensa parte – de um espaço radioso, onde o sol... quando nasce, não é para todos!



# ai ué matumbos...



são marques

Em primeiro lugar, devo informar que o meu pai faleceu em 28 de Junho último. Era um homem lutador, que se fez a si próprio e que amou demais Angola. Parou de lutar, de sofrer e de sonhar... Paz à sua alma!

Estranharam certamente, o título que atribuí a esta minha humilde participação no Gabelense. Já vos explico...!

Como sabem sou professora de Geografia e, este ano fiquei colocada na Escola E.B. 2,3/S. José Relvas – Alpiarça.

O que certamente desconhecem é que, nas escolas deste país estamos a formar "Matumbos". A política do sucesso a todo o custo, deu origem ao facilitismo. Se um aluno não atingir os objectivos propostos, os professores devem reformular os objectivos, ou seja, adaptar às dificuldades do aluno, adequar às características do aluno, dar apoios especiais, avaliar de forma diferente, fazer testes fáceis, facilitando sempre mais e mais. Isto é, estamos a produzir "Matumbos" em grande número...

Pobres crianças... não conseguem aprender... escrever é demasiado difícil... mas não devem chumbar! Pobres "Matumbos"...



Paralelamente, o ritmo a que a nossa sociedade está a degenerar-se é assustador. Os pais não têm tempo para educar os seus filhos, não lhes transmitem valores... As profissões e o stress da vida moderna não lhes deixa tempo para os filhos! Os Avós também já não estão disponíveis, pois também trabalham. As criancinhas vão de madrugada para creches, onde convivem com outras e só vêem os pais de novo à noite, e logo dormem.

Tenho uma vizinha de dois anos chamada Beatriz, e há poucos dias, mostrou-me uma marca no seu braço, de uma mordida que outro menino lhe fizera na creche. A Bea também já aprendeu a dar pontapés nas coisas, ou a jogar as coisas para o chão quando não lhe fazem as vontades. Assim vai a educação. Os pais sentem-se tão culpados por estarem tão pouco tempo com ela, que não a castigam. É este o círculo vicioso. Ai ué...

A par da falta de educação notória nos alunos, os professores estão desmotivados, sentem-se desautorizados, espezinados e perseguidos pela Ministra da Educação, e completamente afundados em papéis, em documentos, planos, relatórios, actas, registos, matrizes, etc.

Não surpreende portanto, que se verifique actualmente um êxodo dos professores com mais tempo de serviço, para a reforma.

Uma professora da minha escola, perguntou a um aluno do quinto ano, porque não estava a fazer a ficha de trabalho que ela dera à turma para fazer, e ele respondeu de forma arrogante: "porque não me apetece..." Ela ignorou-o.

As participações disciplinares só servem para acrescentar mais papelada no dossiê da turma e mais trabalho para os professores. Por isso a maior parte dos professores deixou de participar dos alunos que se portem mal. Viva a anarquia! É isto o que se passa em certas salas de aula. Os "Matumbos" gritam vitória.

Felizmente, que não tenho vivido muitos episódios destes nas minhas aulas. E

alegra-me saber que deixo sempre amigos, quer professores quer alunos, nas escolas por onde passo.

Quero ainda falar-vos na precariedade de emprego que também nós professores sofremos na pele. São milhares de professores contratados como eu, que todos os anos saltam de escola em escola. Sou professora desde 1995/1996 e, exceptuando o ano lectivo de 2001/2002, em que obtive horário incompleto (de 17 horas semanais) em Mira D'Aire, sempre obtive horários completos nos restantes anos, sem interrupções. Mas continuo contratada e todos os anos assino o contrato anual, ao qual junto o atestado de robustez física e o registo criminal. Se eu fosse trabalhadora de qualquer outra empresa, há muito que me considerariam efectiva, mas sou apenas profissional do ensino e trabalho para o Ministério de Educação... E vivam os "Matumbos". Ai ué...

Assim vai este país... Os nossos ministros deveriam ir fazer formação com os seus congéneres espanhóis. Espanha entrou na U.E. em simultâneo com Portugal e tem registado uma evolução económica favorável notória, ao contrário do que se passa em Portugal. Ai ué...



Junto remeto uma síntese de um texto interessante sobre a realidade de Luanda, escrito por Conceição Aleixo, da Escola Superior de Educação de Lisboa, intitulado: Por Luanda, Luandovindo e falandando.

"Logo que chegamos a Luanda acolhem-nos o bom tempo e acolhe-nos também os sorrisos e olhares de quem passa. (...) É atordoante a pressa que todos levam! (...) As filas de trânsito, transformam cada viatura num alvo passivo às ofertas dos vendedores ambulantes (...) Aqui o

comércio local invade-nos. Os candengues, meninos vendedores neste hipermercado rodoviário, trazem até nós tudo quanto se possa necessitar (...) as extensões eléctricas que surgem ao lado da máquina de sumo, do aspirador portátil, do termo de café, das pilhas, dos cabides e, até mesmo, da camisa de homem já com gravata e respectivo alfinete. As quinguilas, que abanam maços de Kwanzas, anunciam uma promessa de câmbio rápido e vantajoso enquanto as zungueiras vão transportando à cabeça, num equilíbrio dançante, os alguidares repletos de mamões, sandálias de senhora ou pacotes de bolacha. Para além da mercadoria, muitas delas trazem nas costas, envoltos em panos de estampado tradicional, os cambutinhas, os seus mais novos. Esses filhos ou irmãos, essa outra mercadoria de pezitos salientes, produz um contorno estranho, quase lembrando patitas de tartaruga, (...). Têm um porte altivo mas são, daquele modo, acrescidas de carapaças-montinhos de gente,

firmemente anexadas. (...),  
 “Surpreendentemente inundados de cor e movimento estamos juntos nesta partilha que uma mesma língua nos proporciona. Vale a pena escutar o uso que dela se faz.(...)”

“É o salão de beleza que assegura “Entra feio, sai bonito” a quem resolve diminuir o cabelo(...)A alta entidade que denuncia a desqualidade de alguns funcionários públicos.(...) e a publicidade que proclama a necessidade de pôr fim à gasosa dos professores agora que se aproximam os exames ....

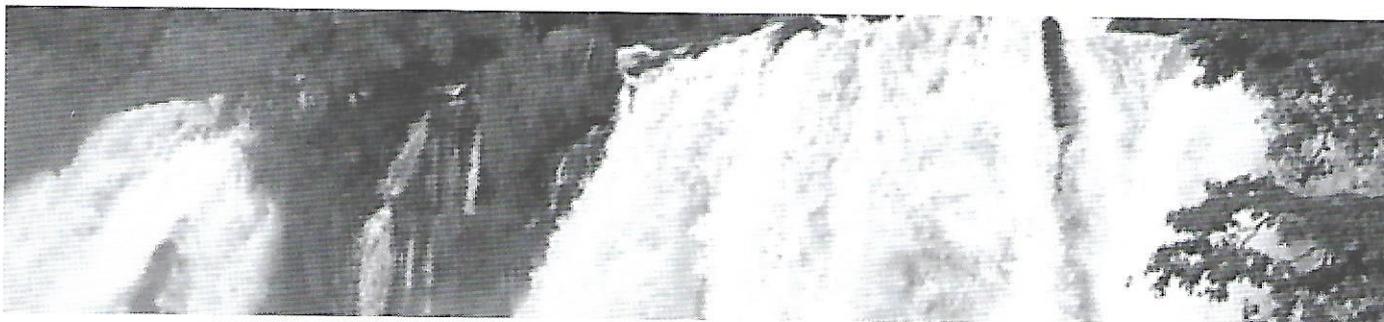
(..)É uma vontade imensa de jiboiar após um almoço de moamba de dendem acompanhado por uma refrescante Cuca(...)”

“E é até mesmo o bem-estar que nos leva a encarar a tarde morna de forma calma e a pensar que o trabalho a fazer não foi feito... ainda, sabendo que estamos a desconseguir cumprir o que planeáramos, apesar de sentirmos, em simultâneo, que não há maka.”  
 “Podemos assim apreciar esta cidade à

boleia de uma língua comum que se redimensiona de forma incomum. (...)”  
 “Em Luanda, a língua portuguesa sai à rua com uma roupagem outra que a enriquece e expande. Se inicialmente a estranhámos, rapidamente ela se entranha e ganha significado, estabelecendo pontes entre os sentidos e referências de quem aqui se encontra. Curiosa característica! Sabemos que as pontes, obras de engenharia calculadas com engenho e esmero, acabam por não resistir ao passar do tempo, mas percebemos que esta língua, pelo contrário, estabelece pontes que resistem de forma variada e multifacetada, tanto ao passar dos tempos como aos passos das gentes que através dela se entrecruzam, se gostam e desgostam, se conhecem, integram e crescem. “ de Conceição Aleixo.

Um até breve

São Marques



## ...participação...



**silva Carvalho**

*SILVESTRE JOSÉ DOMINGUES*, faleceu em 22 de Setembro de 2007.

À Família as nossas condolências. O *mestre Silvestre*, como era conhecido entre os jovens, foi uma referência no apoio educativo em que se empenhou totalmente com dedicação durante anos, onde grangeou dos alunos um reconhecimento que, será de certo, perpetuado por aqueles que beneficiaram dos seus ensinamentos.

Era um amigo e colega, sempre prestável no apoio que nunca recusou nas

actividades extra-escolares, inicialmente, no Ciclo Preparatório da Gabela, em que compartilhamos de funções, com os demais colegas, sempre com o intuito da formação e educação dos jovens gabelenses, que iniciaram os seus estudos naquela Escola do Ciclo Preparatória ...

Recordo-o com imensa estima e muito respeito o meu amigo.

# aceita a seita...



**jorge domingues**

Finalmente Portugal está no bom caminho. Leis iguais para todos, acabou-se o escândalo de haver pessoas acima da lei, é salutar saber que também os políticos pagam impostos e cumprem os limites de velocidade, 50 Kms em Lisboa; quem anda a 60 é multado e bem multado, mas é bonito saber que todos respeitam aquele limite.



Acabou-se a vergonha de haver polícias que não respeitam o limite e sobretudo de haver comitivas oficiais de políticos que nem os sinais vermelhos respeitavam; estilo arredem cães que vai aqui o Sr.Ministro. É bonito de ver que a saúde é igual para todos, acabou-se a vergonha de só ter assistência quem pode pagar. Os impostos são iguais para todos; acabou-se a vergonha das isenções e das entidades particulares tipo fundações que não pagavam impostos; aumentou a universalidade do ensino e é bonito ver os melhores alunos incentivados e apoiados já que são o futuro da Nação. Aumentou a assistência materno- infantil.



O desemprego diminuiu muito; hoje somos dos países com maior índice de crescimento. Finalmente quem inova e investe tem apoio estatal. Acabou-se a vergonha de penalizar com impostos

altíssimos quem trabalha e produz e subsidiar actividades não produtivas. Hoje finalmente as comitivas de políticos nas viagens ao estrangeiro são racionalizadas; há uma redução evidente nas despesas do Estado e um apoio às actividades produtivas. Acabou-se a escandaleira das comitivas enormes pagas pelo erário público e as despesas sem limite nas mordomias e banquetes. É bonito a polícia a zelar pela segurança e bem estar públicas, sem ser um cobrador extra de impostos numa caça desenfreada à multa..

É bonito ver a eficácia da generalidade das câmaras municipais. A eficácia da ASAE, a qualidade da saúde e do ensino e o apoio à aquisição de habitação. A eficiência da justiça, o apoio à terceira idade, a felicidade do povo, os êxitos desportivos. Talvez seja difícil melhorar neste panorama.

Eu digo – nunca tantos fizeram tão pouco. O que resta?

ACEITA A SEITA.

# opinião...!!!



**silva carvalho**

*Era assim ... hoje cada um sabe de si ...*

Desculpe-me a quem possa contrariar – amigos e não só – apenas refiro como

era antes, sem confrontar o presente em que cada um sabe de si ... Opinião pessoal que não pretendo que seja uma “cartilha” e muito menos um código de conduta ... sem preconceitos ou princípios a seguir. Apenas uma experiência de vida como outra qualquer ...

Era assim ... Para meu uso, a minha opinião pessoal! Continuo a ser assim, integrado nos conceitos actuais que não quero comentar ou criticar.

Desenraizado? Talvez ... Contrariado? Talvez ... Chateado? Talvez ... Sim mais velho e cada vez menos integrado, convicto que antes era assim e, hoje (agora) cada um sabe de si ... Perturbado? Sim. Insatisfeito? Muito. Descontente? Ainda não. Preocupado? Muito. Porquê? Não sei ...

Aconteceram , repentinamente, alterações que, embora previsíveis, transformaram completamente a nossa vida e também a maneira de ser integrados numa sociedade que, embora não totalmente, nos era antagónica, intolerável e mesmo hesitante em aceitar “intrusos”, indesejados carregados de conotações – colonos, retornados, fascistas, exploradores, opressores, enfim, importunos numa sociedade que, também, vivia momentos de confusão e de pouca consistência e confiança, em resultado de uma revolução ainda não assimilada pelas suas contradições e argumentos pouco convincentes, de partidos que como nós surgiram do exterior, que se assumiram como os líderes de “uma revolução” que, afinal, sobreveio do descontentamento de uma

classe insatisfeita que foi ultrapassada por impossibilidade de se afirmar nas suas convicções, ante a presença em cena dos “profissionais políticos” que se assumiram como as vítimas de um regime opressivo que os vitimou e contra quem sempre se opuseram em defesa dos seus ideais – os ideais de cada partido ...

Foi assim que chegamos – a Portugal – apoiados por todo o mundo e, apesar das vicissitudes sobrevivemos e cá estamos, 32 anos depois, os mais velhos contando histórias do passado ... Tenho esse direito! Retomo, sem vergonha, a minha intenção de recordar o meu passado em terras longínquas de África.



Era assim:

Sabíamos o que queríamos e como atingir as metas sonhadas ... Falo por mim, sem pretensões de ser um exemplo ... Eramos todos iguais ao nascer e mantinha-mo-nos assim pela vida fora ... Uns melhores, outros menos bem e, ainda outros pior que os melhores e menos bons – Ricos, remediados e pobres ... Era assim, hoje cada um sabe de si ... Acho que tenho o direito de, ao atingir as metas a que me propus, poder divagar e quiçá orgulhar-me do que fiz e de como atingi os meus fins ... Aliás a fasquia nunca foi muito alta, sempre média e condicionada às minhas capacidades e ambições controladas cautelosamente, mas nunca desperdiçando as oportunidades que se me depararam ao longo da vida ... As tais que a sorte me proporcionava ...

Era assim ou melhor na minha terra era assim ... Vou contar, recordando as normas a que estava sujeito desde que nasci, a partir da altura que comecei a aperceber-me que havia regras instituídas a que tinha de submeter-me, se queria triunfar na vida, primeiro na infância com a disciplina familiar, instituída pelo chefe (o Pai), que não era de modas, implacável para quem prevaricava - “porrada” – antes das explicações, com poucas conversas, com sucessivos avisos e recomendações de respeito e

comportamento, para evitar amainar as veleidades ou procedimntos reprováveis que puzessem em causa o prestígio da família e/ou afectassem terceiros ...

Cresci assim, muito bem, não me queixando da rispidez com que muitas vezes fui tratado, por traquinices e excessos em que me envolvia que apesar de reduzidos também aconteceram, os assumi e fui severamente ademoestado ...

Sem grandes percalços e sempre com a “estrelinha da sorte” que sempre me acompanhou, fui-me habituando à disciplina e regras instituídas numa sociedade em que cada um conhecia as normas de conduta, pouco complicadas de entender e cumprir, assumindo, sem limites, a regra de que – “os meus direitos cessavam, quando os dos outros começavam”. Muito simples ... O meu pai sempre me lembrou que era meu dever,- “ seguir os exemplos que vinham de cima, nunca esquecendo de os transmitir para baixo”.

Foi este conceito de equidade que adoptei ao longo da vida - infância , adolescência e adulto com responsabilidades familiares e profissionais, cumprindo e fazendo cumprir, sempre condescendente para as atitudes de arrependimento, quando tinha de decidir no meu relacionamento familiar, profissional ou entre amigos ...

Regra prática, simples e fácil de compreender e melhor de executar . Na minha terra, Angola , onde nasci, em 1933, havia preceitos populares que nos advertiam quanto à nossa conduta – simples e eficientes:

- Cada um é como cada qual ...
- Cada carangueijo no seu buraco ... ou
- Cada macaco no seu galho ...

Populares, mas muito eficientes adágios , com os quais me identifiquei não me dando mal , recordando-os sempre que me confrontava com problemas que foram surgindo, para apaziguar desentendimentos, reconhecendo o tempo próprio para suster as “makas”, que sempre acontecem e aconteceram ao longo da minha vida de relacionamento ... A minha “cartilha” de conduta ...

Vida calma, sem incidentes relevantes, sempre em companhia da sorte que nunca me abandonou e jamais menosprezei, aproveitando as oportunidades que se me depararam ao

longo da vida, em especial na minha carreira profissional, onde não sendo o melhor, era dos primeiros, esforçando-me sempre por cumprir as obrigações que me eram exigidas, assumindo a responsabilidade das decisões que tomei como funcionário, sem nunca contestar as críticas que me eram feitas, quando justas, pelos meus superiores e, reciprocamente, atendendo as reclamações que me eram postas pelos meus subordinados. Olhar para cima e para baixo como o meu pai sempre se fartou de me repetir ...

Depois da tropa e de uma adolescência normal, igual aos demais companheiros, sem precalços, divergências e contradições, abracei a carreira profissional, como funcionário público do Estado Português, em Angola, ciente das obrigações e compromissos e, muitoem especial, da responsabilidade assumida por contrato, do cumprimento dos meus deveres, direitos e obrigações como “ prestador de serviços”, de bem servir e respeitar os cidadãos (contribuintes) que recorriam ao exercício das minhas funções !

Foi fácil porque nunca olvidei os conselhos de menino – olhar para cima e também para baixo, respeitando os interesses dos outros ...

Depois de uma experiência enriquecida, após a chegada a Portugal, ainda bafejado pela sorte que não me abandonou, exerci funções pelo vínculo que tinha à função pública e ao Estado Português, aposentando-me, quando adquiri o direito à reforma, ciente de ter cumprido e merecido essa regalia em final de carreira, que me era devida ...

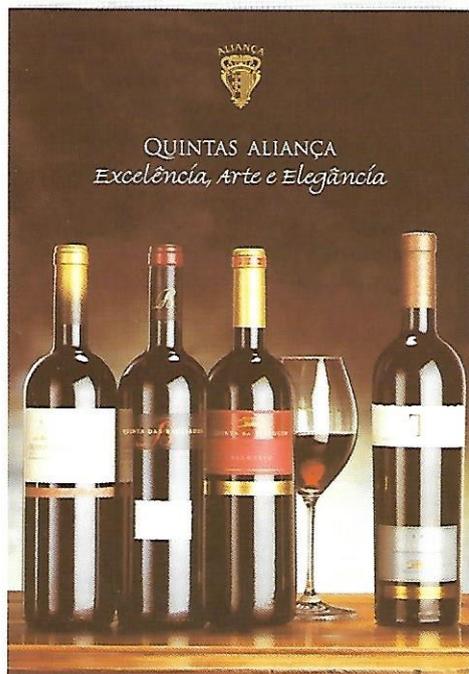
Foi assim, nada ficando eu a dever ao Estado Português, nem o Estado Português a dever-me! Eu pelos seviços prestados e nunca regateados o Estado Português de quem sempre recebi as devidas contribuições aceites de comum acordo! Estamos quites!

Foi assim ... O futuro como será? ...

Que a *estrelinha da sorte* não me abandone nem ao Estado Português ...



# ALIANÇA



As Caves Aliança foram fundadas há mais de 75 anos, em 1927, por 11 associados liderados por Domingos Silva e Angelo Neves, em Sangalhos, na região Demarcada da Bairrada.

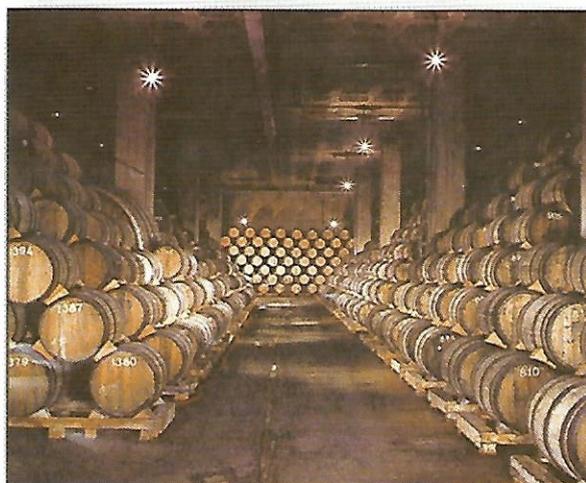
Desde logo a empresa começou a exportar para o Brasil, África e Europa, sendo hoje, quer em Portugal quer nos cerca de 60 países para onde exporta 50% da sua produção, sinónimo de vinhos, espumantes e aguardentes de qualidade.

As Caves Aliança cresceram e modernizaram-se, organizando-se numa estrutura de Grupo. A forte aposta na qualidade levou a empresa a adquirir Quintas nas principais regiões como o Alentejo, Dão, Douro, Bairrada e as Beiras, explorando cerca de 500 ha de vinhas.

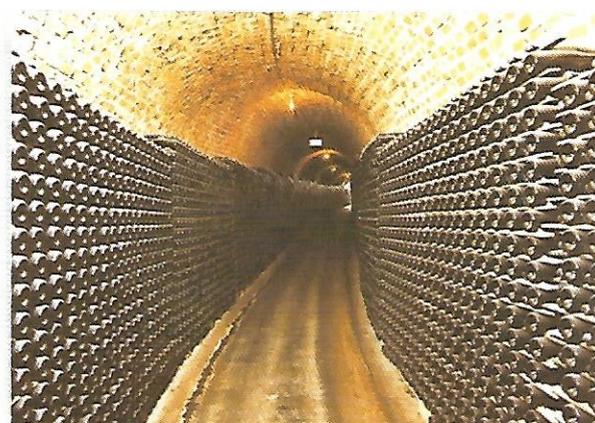
Nestas explorações foi encetado um profundo trabalho de reconversão e plantação de vinhas. Este trabalho tem vindo a ser desenvolvido pela equipa técnica de Caves Aliança, em parceria com dois "world Class WineMakers" Michel Rolland e Pascal Chatonnet.

O investimento feito nas áreas da produção estende-se também ao nível da vinificação, com instalação de modernas adegas e constituição de um parque de barricas de carvalho de elevada qualidade, para estágio dos vinhos. Esta estratégia está já a dar os seus frutos, como poderemos constatar pelos inúmeros prémios obtidos recentemente, quer no país, quer no estrangeiro.

Nas nossas destilarias privadas, utilizando os alambiques "charantais", após rigorosa selecção dos vinhos a destilar, sai a mais completa colecção de aguardentes velhas produzidas por qualquer empresa em Portugal. Envelhecidas durante vários anos em barricas de carvalho de 225 e 300 litros preparadas nas nossas próprias tanoarias de acordo com as mais ancestrais tradições, estas nossas prestigiadas aguardentes velhas têm colocado as Caves Aliança na liderança do mercado português.



Há mais de 70 anos que as Caves Aliança produzem espumante, seguindo a tradição rigorosa do Método Champanês ou Clássico. Com uvas rigorosamente seleccionadas para o efeito, a partir das castas locais brancas Bical, Sercial, Arinto e Chardonnay e da casta tinta Baga, vinificadas na própria adega de Sangalhos, estagiam permanentemente nas profundezas das caves subterrâneas mais de 2 milhões de garrafas, antes de serem introduzidas no mercado.



# QUINTAS ALIANÇA



## QUINTA DOS QUATRO VENTOS



### Região: Douro Superior - Vila Nova de Foz Côa

Com uma área total de cerca de 150 hectares esta quinta centenária está situada no Douro Superior, nos limites das freguesias de Seixas e Numão, no concelho de Vila Nova de Foz Côa. Dispõe de um total de 45 hectares de vinha em patamares e vinha ao alto de plantação recente com as castas tradicionais da região: Touriga Nacional, Tinta Roriz, Tinta Barroca, Touriga Franca e Tinta Amarela.

Possui adega, que para além dos tradicionais lagares de granito, está também dotada de depósitos inox de pequena dimensão para a vinificação em separado das diferentes castas existentes. Aqui se produz, só em anos excepcionais, o Quinta dos Quatro Ventos Reserva. São também provenientes desta propriedade o Quinta dos Quatro Ventos e o Foral.

### Região: Dão - Vila Nova de Tazém

A Quinta da Garrida está situada em Vila Nova de Tazém, no concelho de Gouveia, na região demarcada do Dão. Com uma área total de 112 hectares, tem 80 hectares de vinhas com 15 anos e os restantes com novas plantações efectuadas com o recurso às mais modernas técnicas. A vinha é constituída pelas principais castas desta região, como a Touriga Nacional, Tinta Roriz, Jaen e Alfrocheiro Preto. Os solos são graníticos, ligeiros e pobres, típicos da região, que permitem a obtenção de vinhos com características muito próprias.

A nossa Adega situa-se em Gouveia e está dotada dos mais adequados equipamentos para a produção de vinhos de alta qualidade, possibilitando a vinificação em separado das castas existentes. Os vinhos provenientes desta propriedade, são vendidos com as marcas Quinta da Garrida Touriga Nacional e Quinta da Garrida.

## QUINTA DA GARRIDA



## QUINTA DAS BACELADAS



### Região: Bairrada

A Quinta das Baceladas situa-se em pleno coração da Bairrada, na zona de Cantanhede. Foi nesta quinta com cerca de 5 ha que iniciamos o nosso desenvolvimento vitícola na região, plantando em 1991 a tradicional casta da região, a Baga, mas também as inovadoras Merlot e Cabernet Sauvignon.

As Caves Aliança possuem também outras pequenas vinhas plantadas em 2002 destinadas a dar continuidade ao seu projecto vitivinícola, privilegiando as castas Tinta Roriz e Merlot. Os vinhos provenientes desta propriedade, são o Quinta das Baceladas, Angelus e Aliança Galeria.

### Região: Beiras - Figueira de Castelo Rodrigo

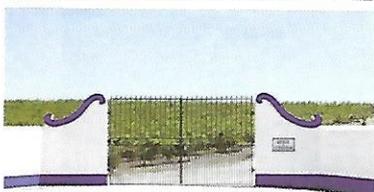
Situa-se no sopé da Aldeia histórica de Castelo Rodrigo e tem uma área total de 350 ha. Os seus solos apresentam uma estrutura franco-arenosa de base granítica e encontram-se também quartzitos e solos xistosos. Com um relevo pouco acentuado está situada, em média, a 550 m de altitude, sofrendo além da influência mediterrânea, uma influência claramente continental com acentuado arrefecimento nocturno. A precipitação média é de 550mm/ano, concentrada entre Outubro a Maio. A vinha plantada de novo, a partir de 1999, ocupa uma área superior a 90 ha, em que 27 ha são regados. A densidade de plantação varia de 3.086 a 3.738 pl/ha, sendo a condução da vinha em cordão bilateral. O encepamento é constituído por 57% de Tinta Roriz, 15% de Touriga Nacional, 12% de Syrah, 10% de Cabernet Sauvignon e 6% de Alicante Bouschet. São provenientes desta propriedade o Casa D'Aguiar e o D'Aguiar.



## QUINTA D'AGUIAR



## QUINTA DA TERRUGEM



### Região: Alentejo - Borba

Situada no Alentejo, na freguesia da Terrugem, no concelho de Elvas, em plena região demarcada de Borba, é hoje um ex-libris dos vinhos alentejanos. Adquirida em 1991, possuía inicialmente 14 hectares de vinha e tem hoje cerca de 60 ha. plantados com as castas Aragonês, Tinta Roriz, Trincadeira, Periquita, Syrah, Cabernet Sauvignon e Alicante Bouschet.

A adega da Quinta da Terrugem está implantada num edifício de traça regional alentejana encastrado numa pequena elevação de terreno na propriedade, que permite o trabalho das uvas através do declive natural. Aqui se produz, só em anos excepcionais, o T Quinta da Terrugem, considerado como um dos melhores vinhos do Alentejo, o Quinta da Terrugem e o Alabastro.



# recordando a gabela

simão almeida



Relembrando saudosamente os tempos de infância passados “naquela terra distante...”, a que alguém um dia chamou Gabela, vem-me à memória uma figura típica dessa cidade – rainha dos morros do café e do cacimbo.

Chamava-se “Zé Barbeiro”.

Quem não se lembra dele?

Rapaz baixo, magro, trintão solteiro, simpático e bom conversador. Tratava os seus clientes com o carinho e a atenção dos verdadeiros amigos. Tinha uma vida solitária, (vivia sózinho), mas a cidade inteira era a sua família.

Profissional competente, estava sempre atento às últimas tendências da moda.

Auto didacta, exibia o seu saber com a dúvida dos sábios, dissertando sobre todos os temas.

Discutia política e falava de África como quem falava do futuro.

O seu “salão” era o ponto de encontro de quase todos os Gabelenses.

Tinha remodelado o espaço havia pouco tempo, para contentamento de quem o visitava, mostando orgulhosamente os seus sofás estilo italiano, dispostos em “U” e rodeados por uma aparelhagem quadrifónica de colunas trabalhadas, que era, na altura, o último grito em hi-fi.

Dizia ele que queria o bem-estar e o conforto dos seus amigos.

Quando vinha da escola, passava sempre por lá para ouvir música e à segunda-feira lia a “Semana Ilustrada”, revista

semanal de grande prestígio, que ele tinha sempre na sua mesa de centro, para além de outros jornais.

Semanas antes do início dos confrontos, ouvi-o dizer um tanto receoso: “já tirei o passaporte para o que der e vier... estou preparado para, a qualquer momento, ir até ao Brasil, e refazer a minha vida se as coisas piorarem”.

Algum tempo depois, num triste entardecer de balas tracejantes, a notícia espalhou-se. Dizia alguém do outro lado da rua:

- Parece que morreu o Zé Barbeiro!  
- Não! Não pode ser – dizia outro- Ainda ontem o vi!

Propus-me ali mesmo, sem mais rodeios, desfazer as dúvidas.

O Dr. Guimarães, que morava mesmo em frente e veio à varanda, ainda me disse perante o meu propósito de querer confirmar tais boatos:

- Não vá lá, não arrisque, olhe que é perigoso!



Num ímpeto quase irracional, enchi-me de coragem e como quem vai em socorro de um irmão, entrei por uma janela das traseiras que estava entreaberta e fui ver.

Eu, que não sou muito de chorar, chorei quando o vi. Estava caído, de olhos semi-cerrados, junto à sua cadeira de trabalho onde tantas vezes me sentei.

Não vi sinais de violência nem rastros de sangue. Voltei-o para ver melhor e a prova lá estava, clara e iniquívoca:

Tinha o passaporte no bolso da camisa

branca, de manga curta, bem junto ao coração e um orifício de bala, talvez pistola, trespassando-lhe o peito. A aparelhagem de som, menina dos seus olhos, não estava lá. Teria sido o roubo o móbil do crime? Talvez. De resto não se lhe conheciam inimigos nem tendências políticas que, de algum modo, pudessem suscitar vinganças ou ódios.



Desfeitas as dívidas, propunha-se agora dar solução ao cadáver que ali estava, frio e hirto, clamando piedade, implorando, qual companheiro perdido, que o não deixassem para trás. Mas como... se o tempo era de guerra e a luta pela sobrevivência era a prioridade das prioridades?

Transportar um corpo sem condições de acondicionamento, sem caixão apropriado, em tempo de fuga desenfreada era tarefa impossível.

Dar-lhe um funeral compatível com a sua estatura de gabelense autêntico também não era sequer realizável, atendendo às circunstâncias.

Assim morreu, sem honra nem glória, um filho adoptivo duma terra, que de tão bela e fecunda, tão próspera e grandiosa, ainda predura, volvidas algumas décadas, no coração de todos que tiveram o privilégio de nela viver.

Um grande abraço e até breve!







fig. 3 - O autor nos tempos das divagações filosóficas com o Kimbando Duzentos.

Um outro dia na loja, após uma amigável parceria de copos de tintol do Puto, o Mais-Velho Duzentos travou-se de razões com o José Lucas Candeeiro. O José Lucas Candeeiro era um funcionário *bailundo*<sup>16</sup>, dos Serviços Veterinários de Angola, Nascido no Longonjo, na Serra do Lépie, no Huambo, que auxiliava o Ajudante de Pecuária, ou seja, o técnico que vivia na povoação para manter o gado devidamente vacinado. O Candeeiro gostava de se abastecer diariamente de petróleo de uva, ao terminar a sua faina de vacinação, a tal ponto que nós sempre lhe perguntávamos:

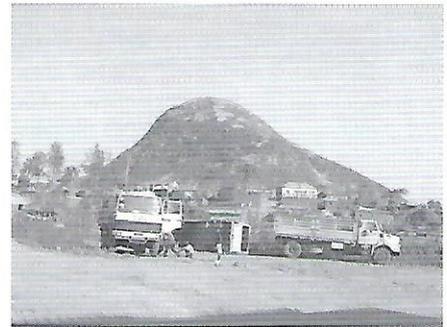
- *Como está o Candeeiro, já está aceso, ou apagado?*

Quase sempre ele respondia: *está apagado, está apagado! Vamos encher mais petróleo no Candeeiro!*

Mas voltando à discussão dos parceiros de fim de tarde, a paginas tantas, depois de terem discutido bastante em kimbundo<sup>17</sup>, o Candeeiro resolveu encostar à parede o velho Kimbandeiro com esta:

- *Olha cá senhor Duzentos, não adianta o senhor Duzentos querer me meter medo, não, eu não tenho medo do seu feitiço; o seu feitiço não pega em mim, eu não sou do teu povo! Feitiço de Kimbundu não pega em Ovimbundu!* Só nesse dia é que eu entendi que os espíritos e os feitiços africanos, além de racistas, eram também tribalistas.

- <sup>1</sup> Kilamba – pessoa sábia.
- <sup>2</sup> Sanzala – aldeia africana
- <sup>3</sup> Kimbando – feiticeiro e curandeiro
- <sup>4</sup> Sékulu – velho
- <sup>5</sup> Chunda – curral do gado, estábulo.
- <sup>6</sup> Cacimbo – estação seca de Angola, quando o frio se faz sentir com muita neblina durante a noite.
- <sup>7</sup> Mbundo – homem negro.
- <sup>8</sup> Kindele – homem branco.
- <sup>9</sup> Milongo – remédio feito com ervas do mato.
- <sup>10</sup> Puto – Portugal.
- <sup>11</sup> Bacaxis – vinho de abacaxi.
- <sup>12</sup> Bangasumo baptizado – marca de vinho angolana de abacaxi, geralmente, adulterado com mistura de água.
- <sup>13</sup> Aka – interjeição de admiração, como “puxa”.
- <sup>14</sup> Yá vika – muito
- <sup>15</sup> Catana – facão de lâmina larga bastante usado em Angola para cortar mato.
- <sup>16</sup> Bailundo – nativo de Angola da etnia Ovimbundu.
- <sup>17</sup> Kimbundu – etnia e língua de Angola.



# o futuro nunca espera



vicente matos

Em primeiro lugar, a minha saudação amiga aos que conseguem – periodicamente – por em letra de forma – O Gabelense – penhor de um espírito pioneiro que não morrerá! Unindo os seus colaboradores e leitores, que um dia tiveram o enorme privilégio de viverem e criarem vida e riqueza na terra Bem – Amada de Angola...

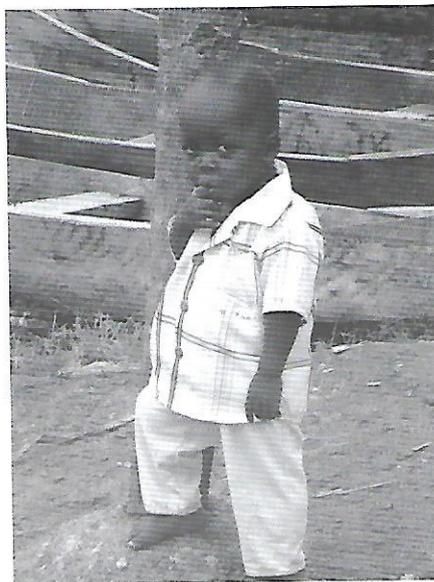
Ao meu amigo Sr. Silva Carvalho um Apertado Abraço, pela desmedida Amizade e Generosidade!

Por mim, continuo a escrever sobre aqueles(as) Homens, Mulheres e seus Filhos e Netos, oriundos dos Açores – viveiro de Colonos -; que empenharam as suas vidas e tudo o que possuíam em transformar a terra virgem do Katofe. Fazendo dela uma terra afamada pelas suas fazendas de gado bovino, o seu leite – bacteriologicamente – o melhor de Angola, destinado a ser industrializado na Central Leiteira de Luanda. Afamada ainda pela transplantação das tradições seculares dos açorianos: a Festa Anual do Dia de Pentecostes – o Império do Divino Espírito Santo!



Reunindo a Alegria, na Abundância e na partilha Fraterna, todos os Açorianos, de perto e de longe e seus convidados, partilhando de coração aberto: as Cerimónias Religiosas na Igreja, o desfile da Coroação e o Almoço Tradicional, em que todos tinham lugar. O que fazia dizer aos camionistas: “ em Katofe: a única terra de Angola onde se comia e bebia de graça em dia de Festa”!

Presidiu à Festa do Divino Espírito Santo, do dia de Pentecostes de 1975, o actual Sr. Arcebispo do Lubando (e antigo Bispo do Quanza Sul) – D. Zacarias Camvenho, - facto que a todos nos alegrou. Compartilharam ainda do Almoço, representantes dos Movimentos saídos há pouco das matas, e quantos apareceram: sem distinções. Mais de um, dois milhares! O Sr. D. Zacarias mostrou-se impressionado com as Festas, afirmando “que lhe fizeram lembrar as reuniões dos primeiros cristãos, a 20 séc. de distância”...



Porém, estávamos longe de adivinhar que esta Comemoração do Pentecostes de 1975, seria a última que viveríamos em S. Jorge do Katofe. Muito brevemente, os depreciativamente apelidados “Colonos”, pequena parcela dos construtores de um País em franco progresso, que as estatísticas diziam ser dum crescimento acima dos 20% ao ano: 18 mil km de estradas asfaltadas, exportações de centenas de milhares de toneladas de café e outros produtos agrícolas, minerais, pescas e indústrias:

preparado para se transformar numa grande e rica nação, para todos os que a habitam: Em meados de 1975, um País parado economicamente, à beira duma sangrenta guerra civil – terra de Morte! - Gente que detesta cruzar os braços, mais de 120 famílias – 600 e tal pessoas, a duras penas, resolveram procurar rapidamente terras de Paz, Trabalho, e Futuro para todos. No último dia que passamos em Katofe, um chefe nativo que muito estimávamos, disse-me em jeito de despedida: “ vocês têm muita sorte de terem uma terra para onde irem: nós ficamos aqui para morrer de fome e de doença”! Ardentemente desejamos que essa dolorosa profecia esteja à beira do fim, nessa terra Bem Amada! E, assim entramos no título acima - **O Futuro Nunca Espera**: vamos procurar outras terras, onde o nosso trabalho seja apreciado e respeitado. Com uns saquitos na mão, pouco dinheiro, porém plenos de coragem psicológica e física!

Ao longo dos Sécs., os açorianos nascidos nuns rochedo perdidos no meio do grande Mar Poente, sempre estiveram prontos para se globalizarem:

Primeiro: marinheiros dos mares do Oriente, dos quais os Açores foram o primeiro porto de abrigo, antes de Lisboa e Sevilha. No séc.XVIII: casais povoadores do Sul do Brasil, frente aos espanhóis, em Santa Catarina e Rio Grande do Sul do Brasil e Norte do Uruguai. Porto Alegre (o Porto dos Casais) erguida de raiz pelos açorianos, tem hoje mais de 1 milhão de habitantes.

Muito dos seu sangue e sobrenomes tipicamente açoreanos – Vargas, Goulart, Terra, Borges – são facilmente encontráveis em todo o sul do Brasil.

No Havai, na Califórnia, na costa leste dos E.U.A. repetem-se os sobrenomes açorianos, embora os seus netos e bisnetos já só falem o inglês.

Porém, os destinos referidos assim como o Brasil e o Canadá, são ainda hoje destinos de imigração açoriana.

Utilizando o aeroporto de Lisboa como ponto de diáspora, os açorianos do Katofe partiram para o vasto mundo – acima citado, e para os Açores em número menos.

Prontos a começar de novo: nas vacas, construção civil, nas fábricas, nos serviços, nos estudos, a nada viraram as cara ou as mãos.

Se “bem me lembro”, um ano passado, visitou-me na ilha de S. Jorge um jornalista do “Jornal Português” da Califórnia, que queria saber a minha opinião sobre os problemas dos Açor-angolanos. Uma pergunta que nunca me esqueci foi: “Dos açorianos vindos de Angola para a Califórnia impressionaram os Californianos originários dos Açores, pela forma como encararam o seu trabalho, decididamente, e o resurgir das suas vidas? Qual a sua opinião?”

Pelo nascimento, são açorianos como os outros – defeitos e qualidades – porém ao perderem os seus bens adquiridos em dezenas de anos de labor, não perderam a vontade e a coragem de recomeçar tudo de novo, numa terra próspera, que respeitará o seu trabalho!

Décadas passadas, fazendo uma retrospectiva embora breve e incompleta, recebemos notícias de muitos, que nos contam as suas vitórias, dos seus companheiros de diáspora, dos seus filhos e dos filhos dos seus filhos. Nas profissões acima referidas, nos estudos feitos nas escolas ou na Grande Escola de Vida, tudo nos leva a ficarmos orgulhosos com os resultados obtidos: Construtores Cívicos ou Técnicos Industriais – aprendidos a sua custa, - Engenheiros Cívicos, Médicos, Veterinários, Juristas, Geólogos, Economistas (com um alto cargo bancário em Angola), Psicólogos, Professores Liceais e Universitários, Aviador, Controlador Aéreo, Professor de Educação Física acumulando a locução desportiva na TV (E.U.A.), Farmacêuticos, Dentistas, Mecânicos, embora não Engenheiros, Vaqueiros, para não esquecerem as origens e Sacerdote como não podia deixar de ser. Isto nos quatro cantos da diáspora, com certeza outras profissões haverá, outros modos de vida que não me compete controlar. Não me constou haver Militares ou alguém tenha passado pela prisão: Graças a Deus!

O ano passado tivemos o privilégio de encontrar aqui em Angra um casal e o seu filho. Ela Mary – filha de amigos do

coração e se não erro, a primeira bebé do sexo feminino baptizada em Katofe, ele, -Dr. Eric e seu filho Zachary. Dr. Eric, cientista investigador americano, do nosso encontro saiu uma conversa cordial, mediada pela Mary, pois o Dr. Eric só fala inglês e o meu inglês linceal desapareceu inglório em sete decénios de desuso. O meu interlocutor desejou saber como tinha nascido S. Jorge do Katofe, donde provieram os seus habitantes e possível intreferência do estado.

Para Dr. Eric, sempre causara espanto, quando na Califórnia se juntavam os Katofenses, pois sempre confraternizavam como irmãos!...

Dr. Eric agradeceu as explicações do **velhote**, e mencionou a ambição de passar dois anos em Coimbra a aprender a língua portuguesa que muito me alegrou! Recentemente recebi uma revista americana da sua casa em Kirkland – Estado de Washington – referindo as influências da mocidade da Mary “In the Azores and Angola”. Deus os abençoe a todos!...

E vou terminar com a minha surpresa, nas andanças pelas vidas dos Açor-angolanos:

Para quem viveu na velha Kibala – a da Pedra da Fortaleza – com certeza conheceu – o principal fornecedor de leite à vila – o nosso amigo António G. Avelar, durante longos anos. No ano da diáspora . 1975 – talvez em Julho o nosso amigo Avelar ainda não resolvera desertar, quando foi visitado por uma delegação dum movimento, que lhe foi pedir um animal para alimentar os seus homens. Ao chegarem à manada os homens não esperaram a escolha do dono, um animal gordo e que não lhe fizesse falta: apontaram ao maior – o touro recém adquirido – e um tiro certo resolveu o assunto.

O nosso Amigo Avelar com certeza instantaneamente interpretou o futuro. Munido de uma pequena mala rumou a Luanda através de Nova Lisboa. Da Capital, rumou à Califórnia a reunir-se à família – sua mulher e quatro filhos. Depois de todos trabalharem duro e amalharem um pequeno pecúlio, resolveram rumar a norte ao estado do

Idaho, onde os terrenos eram mais em conta. Obtidos os terrenos nasceu o novo “rancho” da família Avelar. Segundo nos comunicaram amigos comuns, o António G. Avelar, mulher, filhos(as) e empregado extraem, por moderna ordenha mecânica, diariamente, o leite de mil a mil e cem vacas de raça apurada.



Dir-se-ia um milagre: milagre de gente trabalhadora, cumpridora dos seus contratos e assim se fizeram respeitar! Numa terra em que as qualidades humanas valem ouro!...

Achei que não poderia terminar melhor uma rápida história pela saga duma gente que teve de abandonar tudo, menos o que os acompanhou na cabeça e no coração--- Deus a todos Abençoe!



# o estilo de vida e a saúde



acácio oliveira

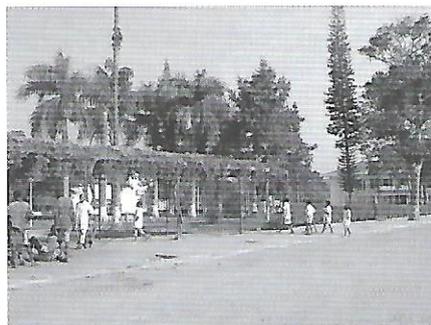
Estilo de vida e saúde passam a ser intermutáveis. A problemática da saúde e da doença já não está confinada ao hospital e aos centros clínicos nem à tradicional relação entre o médico e o doente, dispersando-se hoje por outras arenas sociais e comerciais. A promoção da saúde entra-nos todos os dias em casa através de campanhas televisivas, acompanha-nos nos supermercados e nos centros comerciais, capta a nossa atenção na publicidade e nos cosméticos, inunda os espaços desportivos de lazer. Assiste-se ao derrube das últimas fronteiras que resistiam à diferenciação entre produção de saúde e o seu consumo. Hoje parecemos ser todos consumidores do grande mercado das indústrias de saúde. Na base desse mercado encontramos a noção de estilo de vida saudável. No entanto, o conceito de «estilo de vida saudável» faz tábua rasa das capacidades de cada um adquirir os bens de consumo que os comportamentos saudáveis implicam. Com efeito, grande parte dos estudos empíricos sugere que o acesso à actividade física e aos cuidados de saúde não têm um impacto uniforme na população.



Para aqueles que se encontram em posições sociais desvantajosas, as mudanças nos comportamentos

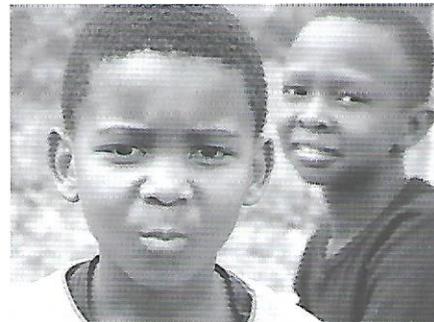
individuais têm pouca influência no seu estatuto corporal; enquanto para os que se encontram em posições privilegiadas na hierarquia social, a relação causal entre alterações nos comportamentos e benefícios na saúde pode atingir níveis importantes.

O estilo de vida e a auto-responsabilização são componentes de um *habitus* de classe média que contribui para a aceitação da lógica da desigualdade. Esta supremacia das classes médias é certamente provocada pelo maior acesso ao consumo mas é, também, o resultado do seu papel na criação de novos intermediários culturais, já que os novos especialistas têm origem ou acedem por meio da sua inserção profissional a esse grupo social.



Mas os movimentos confluentes que pretendem promover a saúde, nos quais se integrou recentemente a Educação Física e o Desporto, expressam também a alteração das **políticas públicas** quanto à regulação disciplinar dos corpos e da actividade física. Confinada durante muito tempo às instituições disciplinares como a **ESCOLA**, os sujeitos contemporâneos são agora conduzidos a fazer do seu próprio corpo um projecto de vida no espaço mercadorizado do consumo. São encorajados a responsabilizar-se pelo seu corpo, a controlá-lo como guardião da saúde e a investir tempo e dinheiro num estilo de vida que maximize a existência. **O actual governo** tem desinvestido na educação física escolar e no desporto não profissional enquanto proliferam os ginásios; os profissionais de Educação Física declaram uma crescente dificuldade de mobilização das crianças e jovens em idade escolar para as práticas tradicionais da educação física, mas, simultaneamente, surgem com cada vez maior frequência novos adeptos da forma física corporal sem

qualquer prática regular de actividade física no período juvenil.



Para a nova cultura corporal, sujeita a princípios de transitoriedade e ao efémero do consumo imediato, os conteúdos da educação física têm pouca relevância. Entre a irrelevância do que ocorre actualmente nas aulas de educação física e as propostas da «sociedade de excitação» que preside ao prazer das culturas juvenis parece existir pouco espaço para a **reflexão** e **reavaliação** do **currículo** da Educação física nas nossas escolas e do desporto não profissional em PORTUGAL.



# cada um tem as suas ideias, cada qual tem as suas opiniões

Luís de Sousa



- Cada um tem as suas ideias, cada qual tem as suas opiniões! – houve-se esta asserção, por aí, alardeada a cada passo e assoberbada à boca cheia.

Contudo, a questão não está tanto em saber se cada um tem ou não as suas ideias, se cada qual tem ou não as suas opiniões. É inquestionável que cada um tem as suas ideias, cada qual tem as suas opiniões.

O que haverá que saber é quais as ideias de cada um que são correctas e quais as que não são correctas; quais as opiniões de cada qual logicamente sustentáveis e quais as não logicamente sustentáveis.

As ideias não correctas, não válidas, não se querem para nada.

As opiniões, que são meras convicções por sustentar, convicções dadas e ainda não adquiridas como válidas e verdadeiras, quando não logicamente sustentáveis apenas servem para deitar fora.

Perguntar-se-á, aliás, com toda a

legitimidade, qual então o critério que permite ter a certeza, que permite saber, saber de modo seguro, quais as ideias correctas e quais as convicções não sustentáveis.

Responder-se-á pura e simplesmente do jeito que se segue:

Por um lado, o critério da boa avaliação da maior ou menor capacidade de fazer abstracções válidas a partir do concreto, passando pelo conceito até ao nível das ideias; por outro lado, o critério da certeza da verdade universal adoptada à partida, seguida de raciocínio coerente e, como tal, virtualmente capaz de levar ao ajustamento do pensamento ao objecto pensado, ao objecto particular, ao objecto individual, vale por dizer, à verdade do particular, à verdade do individual.

Perguntar-se-á ainda: e qual, afinal, o critério da certeza da verdade universal?!...



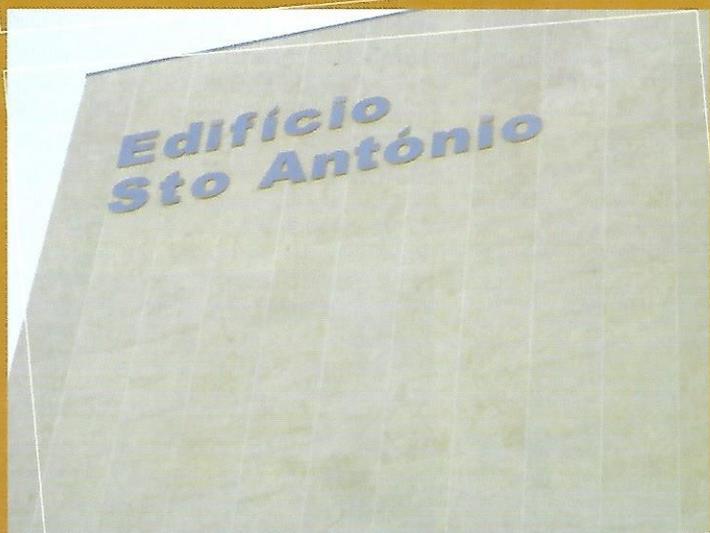
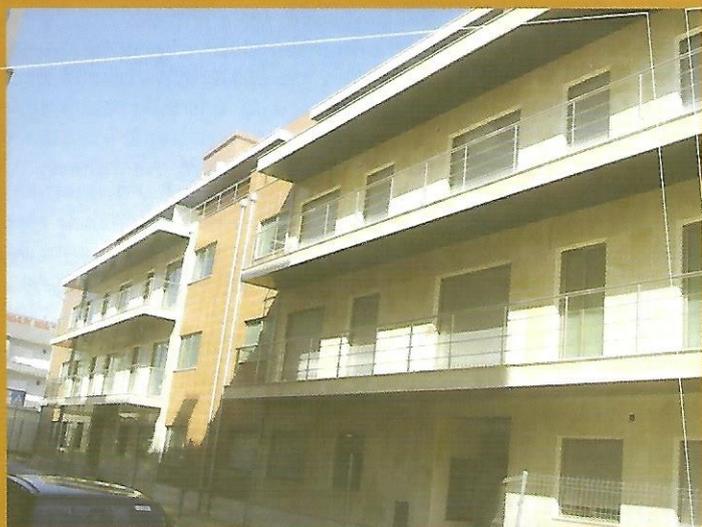
- O crivo da evidência! Isto é, o crivo que permite, como que de modo automático, por intuição, separar o trigo do joio, o confuso do distinto, o nítido do difuso, o claro do obscuro, em suma: a possibilidade de aderência imediata do espírito, do pensamento, à coisa pensada como universal na simplicidade e clareza do unitário por oposição ao disperso.

Todavia, se, por uma ou outra razão, essa mesma coisa pensada não se revelar, em si mesmo evidente, mas sim ofuscada pela complexidade, confusão, obscuridade, terá de ser previamente decomposta ou dividida nos seus elementos constitutivos; entende-se: categorias, isto é, diferentes perspectivas em tratando-se da realidade abstracta, e géneros (máximo ou supremo e próximos e ainda espécies), em tratando-se da realidade concreta.

A decomposição ou a divisão da realidade unitária, da síntese natural, visará a redução do complexo a incompleto, ou seja, a redução da coisa na sua expressão mais simples e, daqui, passando pelo exame, análise e nova síntese, agora artificial, pôr-se-á, finalmente, susceptibilidade de se chegar à clareza, à evidência, à evidência pois... à evidência derivada da verdade universal subjacente ao conhecimento absoluto, entenda-se no âmbito da relatividade do Homem, inferindo-se deste modo conhecimento absoluto, agora de modo mediato, o conhecimento, a verdade particular ou singular na sua máxima compreensão e mínima extensão.



# CAMAPE, CONSTRUÇÕES, LDA. IRMÃOS CASTRO



25 anos a construir com  
qualidade, rigor e segurança

qualidade  
rigor  
segurança